



XIV ANPED-CO

XIV ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO CENTRO OESTE

3513 - Trabalho Completo - XIV ANPED-CO (2018)
GT 14 - Sociologia da Educação e Filosofia da Educação

ESCOLAS CONFSSIONAIS E O CONCEITO BOURDIEUSIANO DE HABITUS: UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DO HABITUS RELIGIOSO A PARTIR DE PRÁTICAS EDUCATIVAS

Letícia Casagrande Oliveira - UFMS/Campus de Campo Grande - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Adriana Espindola Brites - UFMS/Campus de Campo Grande - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Heloise Vargas de Andrade - UFMS/Campus de Campo Grande - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

O conceito de *habitus* é uma peça fundamental da teoria bourdieusiana para compreendermos as relações desenvolvidas pelos agentes durante suas trajetórias. O *habitus* é revelador do modo de ser e estar dos agentes, a partir do *habitus* é possível entendermos as relações estabelecidas e identificarmos os lugares ocupados pelos agentes nos diversos campos sociais. As discussões apresentadas nesse trabalho têm como objetivo demonstrar de que forma as escolas confessionais tornam-se espaços de formação de um *habitus* religioso a partir das práticas desenvolvidas cotidianamente. Para desenvolver essa discussão, o caminho metodológico se inicia com a apresentação do conceito de *habitus*, seguida do conceito de *habitus* religioso, finalizando com as considerações sobre o papel desempenhado pelas escolas confessionais. O *habitus* se forma a partir da repetição de práticas, inconscientemente os agentes incorporam maneiras de agir e pensar que são adquiridas nos diversos meios sociais em que desenvolvem suas relações. As escolas confessionais contribuem para a formação do *habitus* religioso na medida em que torna “natural” a presença de símbolos e práticas religiosas no cotidiano escolar dos alunos.

Palavras-chave: *Habitus*; *Habitus* religioso; Escolas Confessionais.

1. Introdução

Bourdieu desenvolve suas análises a partir do conceito de *habitus*, que é considerado como uma peça fundamental para a compreensão do modo como os agentes agem e ocupam posições sociais nos mais diversos campos. O autor defende a ideia de que o conceito de *habitus*, muito mais do que revelar práticas, revela também a origem dos agentes, visto que diferentes classes sociais possuem diferentes *habitus* que vão ser incorporados ao longo da trajetória dos agentes de forma “natural”.

O conceito de *habitus* permite uma análise ampla das práticas desenvolvidas pelos agentes, mas também revela práticas comuns desenvolvidas por grupos de pessoas ou instituições. Podemos discutir sobre o conceito de *habitus* em que ele aparece de forma adjetivada, como é o caso, por exemplo, do estudo do *habitus* professoral, estudantil, fronteiriço, ou como o caso deste trabalho, o *habitus* religioso.

A formação do *habitus* se dá pela incorporação de práticas, essas práticas são aprendidas e naturalizadas, tornando-se algo que faz parte da identidade dos agentes. Se o *habitus* se forma pelas práticas, os espaços de socialização em que os agentes estão inseridos podem ser considerados como espaços de formação de *habitus*. Assim, escolas confessionais, que se caracterizam por ter uma ligação com ordem religiosa, podem ser responsáveis pela formação do *habitus* religioso dependendo das práticas que são desenvolvidas no interior de seu espaço.

Este artigo tem como objetivo identificar que tipo de práticas podem ser caracterizadas como formadoras do *habitus* religioso, bem como desenvolver uma discussão que proporcione a conceituação do *habitus* religioso. Estudos no campo da sociologia da educação, revelam que as famílias possuem uma intencionalidade no momento da escolha do estabelecimento de ensino em que seus filhos desenvolvem suas trajetórias escolares. Ao optarem por escolas confessionais as famílias podem revelar um interesse pela formação religiosa de seus filhos, pois as práticas desenvolvidas nesses espaços, muitas vezes são orientadas por princípios religiosos.

2. Incorporação e naturalização de práticas: como se forma o *habitus*?

Bourdieu se faz presente na Sociologia da Educação ao nos apresentar alguns conceitos que permitem uma compreensão sobre alguns elementos que podem ser considerados como fundamentais para entender as trajetórias dos agentes. Entre esses conceitos, podemos citar o de *habitus*, que apesar de ser bastante relacionado com o autor, também é abordado por outros teóricos do campo da sociologia. Como é o caso de Durkheim que “[...] empregou o conceito para analisar a natureza do trabalho pedagógico [...] Durkheim discute sobre este estado profundo da alma, sobre o qual o educador deve exercer ação duradoura.” (XAVIER, 2013, p. 18).

Tanto em Durkheim como em Bourdieu, notamos ideias semelhantes sobre o conceito, como por exemplo, a noção de que o *habitus* é algo durável e que pode ser transmitido para as gerações mais novas. Na concepção de Bourdieu, o *habitus* é transmitido a partir de processos de socialização, para o autor, a família desempenha o papel de ser o espaço de socialização inicial dos agentes.

Compreender que a família como o primeiro espaço de transmissão do *habitus*, significa identificar que diferentes agentes, possuem diferentes *habitus*. Esta constatação é possível ao admitirmos que diferentes famílias ocupam posições diferentes posições de classe, assim, Bourdieu admite uma relação direta entre o *habitus* e pertencimento de classe. Sem compreender a posição de classe que os agentes ocupam, não é possível compreender a noção de *habitus* a partir da visão bourdieusiana.

Neste momento, vale lembrar, que para Bourdieu as classes sociais não são organizadas e definidas apenas pelo capital financeiro que acumulam. Segundo o autor, as condições de classe dos agentes também dependem de seus acúmulos culturais e sociais. O *habitus* transmitido não será algo comum e universal, mas sim, um *habitus* de classe que funcionará como uma forma de identificação e reconhecimento entre os agentes. O *habitus* pode ser entendido como uma forma de revelar o lugar de origem dos agentes.

De acordo com Montagner (2007, p. 257), “[...] o *habitus* primário, devido ao ambiente familiar, é uma primeira e profunda impressão social sobre o indivíduo.”. Assim, os agentes carregam as marcas familiares, que por sua vez, carregam as marcas dos grupos de frações de classe a que pertencem.

O *habitus*, é por definição, o “[...] princípio unificador e gerador de todas as práticas.” (BOURDIEU, 2007a, p. 165), com isso é possível compreendermos de que forma o *habitus* possibilita uma identificação entre pares. Ele dá aos agentes a possibilidade de pertencimento a determinados grupos e espaços sociais. É por meio do *habitus* que o agente faz as leituras necessárias para compreender as normas e regras dos campos em que transitam.

Para Bourdieu, *habitus* capital e campo são conceitos inter-relacionados e inseparáveis. O *habitus* confere o "sentido do jogo", ou seja, a predisposição para entrar no campo e reconhecer sua lógica de funcionamento como algo natural, em suma, uma habilidade inata para "jogar o jogo" (MANGI, 2006, p.43-44).

O *habitus* orienta as ações dos agentes, com isso podemos dizer que o *habitus* cria predisposições que definem os tipos de ações e escolhas desempenhadas pelos agentes. As práticas de socialização as quais os agentes estão submetidos, são responsáveis por informá-los daquilo que pode ou não ser apropriado para ele. Por meio de práticas eles aprendem e apreendem comportamentos, e desenvolvem formas de pensar e agir que correspondem ao que é próprio do grupo a que pertencem.

[...] o *habitus* permite estabelecer uma relação inteligível e necessária entre determinadas práticas e uma situação, cujo sentido é produzido por ele em função de categorias de percepção e de apreciação; por sua vez, estas são produzidas por uma condição objetivamente observável. (BOURDIEU, 2007a, p. 96).

Por ser observável permite o reconhecimento entre os agentes, esse reconhecimento é considerado como uma importante ferramenta utilizada pelos agentes para a organização de grupos que possuem

interesses semelhantes. Por meio do *habitus* os agentes são capazes de se distinguir e de formular estratégias de distinção, assim, os espaços sociais tornam-se “marcados”, o *habitus* pode ser entendido como elemento de segregação social.

Bourdieu (2003, p. 139) considera que “[...] todos os princípios de escolha estão incorporados, se tornaram posturas, disposições do corpo: os valores são gestos, maneiras de estar de pé, de andar, de falar.”. A formação de um *habitus* ocorre a partir da formação de hábitos, ou seja, é a prática de determinada situação que forma no agente as estruturas necessárias para transformar um hábito em um *habitus*. A formação do *habitus* demanda tempo, é uma estrutura sendo formada. Algo que não poderá ser desvinculado do agente com facilidade.

Essa durabilidade do *habitus* é definida por Bourdieu como o efeito de *hysteresis*. Que tende a ser a dificuldade encontrada pelos agentes em adaptar-se a situação aos quais não estão predispostos a agir, ou seja, situações que não correspondem ao que está formado em seu *habitus*. Bourdieu não considera o *habitus* como algo imutável, porém reconhece que o processo de reestruturação de um *habitus*, além disso, esse processo só ocorre dentro de um limite que é dado pela estrutura que originou o *habitus*.

[...] *habitus* não constitui um fenômeno inteiramente acabado, uma vez que evolui ajustando-se às mutáveis condições de realização da ação, podendo até mesmo surgir situações de descompasso entre determinado *habitus* formado num momento anterior da história e as condições presentes da ação. (DINIZ, 2008, p. 20).

O *habitus* se estrutura e se reestrutura conforme as ações desempenhadas pelo agente e pelas influências que sofre ao longo de sua trajetória. Há um movimento no *habitus* que permite essa dinâmica, porém, como dito anteriormente, o efeito durável do *habitus* faz com que esse processo de mudança seja algo muito difícil de ser concretizado, visto que, ao modificar um *habitus*, vivenciamos o processo de modificação de uma estrutura.

Podemos resumir o conceito de *habitus* como sendo um sistema de disposições que caracterizam agentes e grupos sociais, o *habitus* é revelador de identidades. É definido como algo durável, transmissível e adquirido. Essa última característica, se explica por ser algo que não é natural, mas sim fruto das condições sociais e culturais objetivas dos meios em que o agente está inserido. O *habitus* é um princípio que gera e organiza práticas, a ideia de ser algo natural vem do fato de ser inconsciente e podemos dizer, até mesmo, inquestionável.

2.1. Notas de estudo sobre a conceituação do *habitus* religioso na teoria bourdieusiana

O conceito de *habitus* religioso diz respeito a um “[...] princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural.” (BOURDIEU, 2007b, p. 57). O *habitus* religioso permite que o agente obtenha o sentimento de pertencer a determinado grupo religioso, conhecer determinadas regras, condutas, símbolos, pensamentos e etc.

O *habitus* religioso é formado no campo religioso. Na teoria bourdieusiana, o conceito de campo é utilizado para compreender a forma como os agentes disputam e estabelecem posições consagradas em determinados espaços sociais. Para Bourdieu, o campo se configura como um espaço de luta, em que os agentes seguem regras próprias do jogo de cada campo.

[...] o conceito de campo se refere aos diferentes espaços da vida social ou da prática social, que possuem uma estrutura própria e relativamente autônoma com relação a outros espaços ou campos sociais. Esses campos se organizam em torno de objetivos e práticas específicas e apresentam [...] uma lógica própria de funcionamento que estrutura as relações entre os agentes no interior de cada um deles. Assim, a relativa autonomia é uma característica inerente à noção bourdieusiana de campo. (GARCIA, 1996, p.66).

Bourdieu aponta para uma autonomia relativa para explicar que os campos não funcionam separadamente da totalidade social. O conceito de campo é utilizado pelo autor para discutir as questões de desigualdade vivenciadas na sociedade. O valor de bens, comportamentos, práticas e ações é atribuído de acordo com a dinâmica de cada campo. Os campos possuem, portanto,

Uma lógica interna que só é entendida por quem está dentro do campo, para quem possui o *habitus* desse campo, que é uma lógica diferente de outros campos, como por exemplo, o campo religioso ou artístico. Dentro desse campo está em jogo um capital específico que só tem valor para os que estão dentro do campo, dentro do jogo. (SOUZA, 2014, p. 145).

Dentro do campo, os agentes serão caracterizados pelo seu próprio *habitus*, pela trajetória social vivenciada e pelo lugar que ocupa dentro do campo. Durante suas considerações sobre o campo religioso Bourdieu coloca a religião como um aspecto que exerce grande influência na organização política da sociedade. Algumas práticas religiosas são vistas como um meio de "[...] obter o reconhecimento/desconhecimento das proibições e das normas que garantem a ordem social." (BOURDIEU, 2007a, p. 72).

A linguagem religiosa não se faz presente somente nos discursos, mas também em outros aspectos que fazem com que os agentes se remetam ao campo religioso mesmo quando não se encontram em um local considerado específico daquele campo. Esses símbolos, maneiras de falar, agir, crenças, comportamentos, e etc, fazem com que os agentes sejam capazes de identificar outros agentes que pertencem ao campo religioso.

O *habitus* religioso está diretamente relacionado ao modo como os agentes tomam suas decisões e orientam suas práticas. A partir da inculcação desse *habitus* religioso, o campo religioso ganha força e aquilo que é propagado nesse espaço é tomado pelo agente como uma verdade a ser seguida mesmo fora dele.

No campo religioso a formação de um *habitus* religioso significa que os agentes estarão submetidos a práticas que o levarão a criar uma disposição para agir, pensar e se relacionar seguindo os princípios religiosos que estão orientam as práticas do campo em que estão inseridos. O *habitus* é o resultado das ações sociais que os agentes são submetidos, família e escola, são vistos como instâncias primárias de socialização. Assim, ao optarem por escolas confessionais, as famílias podem ter o objetivo de reafirmar a intenção de garantir que seus filhos criem um *habitus* religioso desde muito cedo.

3. As escolas confessionais e a formação do *habitus* religioso

As escolas confessionais são aquelas caracterizadas por terem uma ligação com ordem religiosa.

Segundo Bourdieu, as diversas organizações religiosas encontradas no campo religioso se estruturam em subcampos e exercem sua missão buscando ser coerentes com os valores religiosos do campo, que são repassados aos agentes e grupos sociais dentro da estrutura organizativa, seja ela educacional, social, religiosa..., no intuito de aumentar a abrangência e adesão à proposta. (ORLANDI, 2007, p.37).

Essas instituições de ensino, podem, portanto, ser consideradas um subcampo dentro do campo religioso. Esse subcampo é responsável por inculcar nos agentes os ideais religiosos a partir de práticas orientadas pedagogicamente. As escolas confessionais podem professar diferentes tipos de religião (católica, protestante, espírita, etc.), mas um denominador comum, é o fato de que a questão da religião ganha um protagonismo nesse espaço

Para esse tipo de escola o desenvolvimento dos sentimentos religioso e moral nos alunos é o objetivo primeiro do trabalho educacional. Dessa forma, se a escola leiga constrói sua proposta baseada apenas em correntes pedagógicas, a confessional procura ter um embasamento filosófico-teológico. (MENEZES; SANTOS, 2001, p. 1).

Além da presença da disciplina de Ensino Religioso, nos currículos dessas escolas, podemos identificar outras práticas que podem ser consideradas como formadoras do *habitus* religioso. Podemos citar como exemplo, o costume de fazer orações no início das atividades escolares e a presença de símbolos religiosos no interior dos espaços físicos das instituições.

Essas práticas, mesmo que não tenham uma intenção clara, formam nos estudantes um *habitus* religioso, visto que são internalizadas por eles. Assim, passam a conviver com símbolos religiosos de forma "natural", ganhando um certo conhecimento sobre aquele objeto e apropriando-se do seu significado.

A formação do *habitus* religioso, nessas instituições, acontece diariamente visto que são incorporados ao cotidiano e currículo escolar, elementos que são do campo religioso, como por exemplo, festas religiosas (como o caso da comemoração da páscoa, festa junina, etc.). Os estudantes inseridos naquele espaço, vivenciam esses momentos como sendo algo própria da escola, no entanto, a origem dessas comemorações é de cunho religioso.

4. Considerações Finais

O *habitus* é formado desde muito cedo, a família caracteriza-se como a primeira instância socializadora, por isso, torna-se o primeiro lugar de transmissão do *habitus* de grupo a que o agente pertence. Para Bourdieu o *habitus* é algo que orienta as práticas dos agentes, uma de suas principais características é a de ser algo durável, tornando-se uma estrutura que orienta e cria nos agentes uma predisposição a ser ou fazer algo. O *habitus* naturaliza as práticas dos agentes, dando a impressão de que as ações desenvolvidas são resultado de uma vontade própria dos agentes, quando na verdade, são reflexo daquilo que o *habitus* de seu grupo deixa em sua trajetória.

O *habitus* religioso diz respeito a um *habitus* orientado por uma perspectiva religiosa, que permite que os agentes saibam identificar e conhecer práticas, símbolos, regras, costumes e tradições que são próprios de um grupo. Esse *habitus* é próprio do campo religioso, e se forma a partir das relações que o sujeito estabelece dentro desse campo que pode ser representado por diversos espaços ou instituições, como é o caso das escolas confessionais. As práticas desenvolvidas dentro dessas instituições de ensino proporcionam aos estudantes momentos em que desenvolvem um contato direto com princípios, símbolos, experiências próprias de uma religião, tornando-se assim um espaço propício para a formação do *habitus* religioso.

5. Referências

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007a.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 6ª ed. 2007b.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Fim de século, Lisboa, 2003.

DINIZ, Elenilze Josefa. **Tensões e distensões na construção do *habitus* associativo**: uma análise comparativa nas organizações associativas de catadores de lixo na Paraíba. 286 f. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

GARCIA, Maria Manuela Alves. O campo das produções simbólicas e o campo científico em Bourdieu. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 97, p. 64-72, maio. 1996.

MANGI, Luis Claudio Miranda. **As “Confrarias” como um Fenômeno Organizacional Brasileiro**: notas etnográficas de um aprendiz de Bourdieu. 2006. 140 f. Dissertação (mestrado), Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete escola confessional. *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrasil*. São Paulo: Midiamix, 2001.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 17. p. 240-264. jan./jun. 2007.

ORLANDI, Miguel Antonio. **Obras sociais maristas e formação do *habitus* religioso**. 2007. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2007.

SOUZA, Rafael Benedito de. Formas de pensar a sociedade: o conceito de *habitus*, campos e violência simbólica em Bourdieu. **Revista Ars Historica**, nº 7, Jan./Jun., 2014, p. 139-151.

XAVIER, Alice Pereira. **O *Habitus* escolar na construção da qualidade do ensino**. 2013. 293 f., Tese (doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2013.